

PRÁTICAS CIRCULARES COM PAULO FREIRE ENTRE NÓS: ESCUTA EM DIÁLOGO DO NÓS POR NÓS PARA ALÉM DA RELAÇÃO EU-TU

AUTOR: TÂNIA MARA MENEZES VIEIRA

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (Paulo Freire)

Inauguro a declaração deste trabalho narrativo enunciando que o mesmo versará sobre dois casos de dinamização Prática Circular na Fundação Getulio Vargas – FGV, RJ, bem como no Grupo @TodasPelo Rio.

Com esse marco, é importante discorrer que a escolha pela introdução e uso das Práticas Circulares como objeto de trabalho tem guarida na crença acerca da potência da tradição das práticas circulares orais do povo africano e indígena. Prática circular pode ser entendida como uma ferramenta que contribui no processo de escuta grupal ou coletiva e promoção das conexões afetivas e emocionais intra e intersubjetivas, que compreende a formação de um espaço de escuta em que a expressão da linguagem verbal, gestual, mimética ou silenciosa podem se dar. Segundo Freire (2011, p.108) é pela palavra que a existência humana se pronuncia e exerce seu direito de fala e não de cala:

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo[...].”

É um instrumento utilizado no processo comunicacional grupal como meio possível e elo sensível de conexão entre os sujeitos pronunciantes. É por intermédio da expressão das vivências socioafetivas que os indivíduos vão construindo e tecendo redes de relacionamentos capazes de firmar os vínculos sociofamiliares e comunitários amistosamente. Zuleide Duarte, em seu artigo A Tradição Oral na África, diz que:

“Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apóiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura”.

Sendo assim, as referidas práticas têm potencial para que os sujeitos sociais consigam, voluntariamente, expressar afetos, dores, alegrias, conflitos internos, suas subjetividades, emoções, sentimentos e pensamentos e, assim, possam vislumbrar condições à alteração ou mudança de um estado de desconforto interno intenso, que pode ser fruto de vivências de silenciamento e apagamento involuntário e, até mesmo inconsciente. Freire (2011, p.108) reflete que:

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

A fim de ilustrar o quanto pode ser valioso entrar em contato vivencial com a ferramenta Prática Circular, é pertinente a exposição do relato de Daniela de Azevedo Marques do grupo @TodaspeloRio. Ela disse que, o referido grupo de amigas iniciou uma proposta de fortalecimento social, pessoal, com encontros semanais em que compartilhavam um café da manhã. Posto que estavam abaladas, emocionalmente, por vivências seculares que envolviam perdas. E o grupo cresceu.

Os encontros não tinham foco central de conversa, mas a intenção do coletivo era contribuir profissionalmente, isto é, através da formação acadêmica de cada uma, oferecer serviço voluntário em espaços sociocomunitários vulnerabilizados, pauperizados.

Instaurou-se, então, um momento em que se perguntaram: “Se estamos adoecidas, cansadas e sem estímulo, como iremos nos organizar para adentrar em campos comunitários, favelas e bairros periféricos cujas demandas e pautas são tão complexas? Era preciso pensarmos e dialogarmos sobre o que estava incomodando e afetando tanto todas nós, do coletivo.

Posto assim, Daniela relata que foi em busca da tentativa de encontrar as verdadeiras necessidades do coletivo frente às perdas, frustrações, angústias suportadas no ano de 2019. Que no silêncio das meditações profundas e recolhimentos sobre sua realidade, tudo parecia estagnado e solitário. Sobre essas marcações Freire (2011, p.108) infere que:

“Estas formas de recolhimento só sejam verdadeiras quando os homens nelas se encontrem “molhados” de realidade e não quando, significando um desprezo no mundo, sejam maneiras de fugir dele numa espécie de esquizofrenia histórica.”

Foi quando encontrou meu vídeo de Prática Circular em um grupo fechado no Facebook, A Ponte Para Pretxs.

Nessa ordem de idéias, ela disse que conseguiu vislumbrar a possibilidade do uso da metodologia nos encontros semanais de seu coletivo. Como forma de busca de conexão entre elas e alinhamento de suas necessidades, naquele momento.

Posto a descoberta da filmagem da referida Prática Circular, Daniela expressou seu convite para a dinamização dessa ferramenta, o qual aceitei, com muita honra. As pessoas que compõem o grupo @TodasPeloRio, que estiveram presentes no encontro circular, ao final emitiram juízo positivo acerca da experiência vivida.

A coordenadora do grupo sublinha que, “a dinamização da prática circular retirou um peso de todas que vivenciaram a experiência do uso da ferramenta. Bem como, fez nascer no coletivo desejo de falar sobre o renascimento dos afetos, sentimentos, emoções e memórias agradáveis pelo fato de podermos expressar o nós por nós e em nós através da escuta e do diálogo empático, cuidadoso, zeloso, tolerante no ouvir e no escutar amistoso e democrático.” Por essa via interpretativa, em seu Livro *Pedagogia da Tolerância*, Freire (2013, p. 25,26) chama atenção a que não se deve exercer tolerância por indulgência ou condescendência. Nem como um favor que o tolerante faz ao tolerado. Diz ele:

“Falo da tolerância como virtude da convivência humana[...]qualidade a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior.”

Daniela finaliza desvelando a percepção da própria experiência emocional e do grupo na vivência prática circular. Revelou que: ‘A participação na circularidade possibilitou um encorajamento coletivo. Foi uma terapia emocional e real, capaz de nos tornar mais fortes e contemplativas; eu diria unidas. Isso é afeto’.







significativas e profundas, bem como ao desafogo psicológico, ao mesmo tempo em que se restauram as crenças, abaladas por conflitos que, não poucas vezes, nem fazem sentido no momento. Nesse aspecto, a tradição oral é fonte preciosa, que se socorre da memória.

Oralidade e escuta, eis os pilares das Práticas Circulares. Escuta ativa, atenta e dinâmica. Que tenha correspondência com a demonstração de um ativo interesse pelo que o interlocutor expressa, nos seus sentimentos. Que o estimule à ampliação e progressão da narrativa e intenções que regem sua fala, no círculo, naquele momento. Tânia Almeida (2014, p. 66, 240), segundo esse veio, concebe que: 'Uma escuta ativa pressupõe não somente a atenção, como também uma atitude participativa no diálogo – escuta dinâmica'. Ela diz que escuta ativa é intervenção primordial nos diálogos colaborativos e tem por objetivos:

“Oferecer uma qualidade de interlocução cujo acolhimento possibilite que as pessoas se sintam legitimadas em seus aportes e participação; conferir equilíbrio entre dar voz e vez aos integrantes da conversa e viabilizar uma escuta que inclua o ponto de vista do outro [...]”.

Além do manejo dessa ferramenta no grupo @TodasPeloRio, fui convidada a promover esse espaço de escuta Prática Circular na Fundação Getúlio Vargas (FGV), RJ. A proposta da promoção da metodologia surgiu da inquietação do Coordenador do Coletivo A Ponte Para Pretxs, o qual é composto basicamente por estudantes negras e negras matriculados em cursos de inglês, espanhol, francês, design think e gestão financeira naquela renomada instituição.

O Sr. Paulo Vitor (que atende pelo nome Vitor Del Rey), em diálogo prévio comigo, refletira sobre a necessidade de cuidar da saúde mental da turma de alunas que compõem o Coletivo e estudam na FGV em variados cursos. Que têm por propósito a inserção das pessoas que compõem esse grupo étnico, em postos de trabalho. Bem como possibilitar-lhes condições mais favoráveis de formação e preparo frente à existência de relativos níveis de dificuldade ao acesso a postos de vagas de emprego, devido à competitividade do mercado.

Vitor Del Rey ao construir observações e análises acerca da classe em que atua e coordena, refletiu sobre a necessidade de agregar valor ao grupo, quanto aos aspectos socioemocionais das relações, frente a um mundo competitivo. Sob essa inspiração, disse que vinha vislumbrando a possibilidade de desenvolver atividades que pudessem despertar, identificar, promover e estimular habilidades e competências socioafetivas, emocionais e de autocuidado dos membros participantes do referido coletivo em preparação ao acesso e inclusão no mundo do trabalho.

Sendo assim, houve acordo entre nós. A dinamização da metodologia Prática Circular poderia ser oferecida às turmas dos cursos da referida instituição, Fundação Getúlio Vargas, coordenadas por ele.

Como destacado antes, nós dois consideramos que seria interessante que os envolvidos se aproximassem do método consoante a um dos preceitos da Prática Circular, que diz respeito ao princípio da autonomia da vontade, isto é, mediante a participação voluntária no processo. Trata-se de oportunizar aos participantes da turma a vivência ou experiência da formação circular em espaço de escuta atenta, afetuosa, cuidadosa e empática onde possam refletir sobre as inquietudes, angústias e inquietações frente ao cenário político-social de imprevisibilidade e mudanças no competitivo mundo do trabalho, em que é requerido de todos os atores sociais o desenvolvimento de múltiplas habilidades e competências afetivas, sociais, emocionais.

Nesse talante, os temas geradores ao desenvolvimento da dinâmica Prática Circular estão presentes no desejo do coordenador, Vitor Del Rey. Eles impulsionam a troca de saber através do diálogo e respeita as diferenças de cada sujeito tão valorizadas pelo mestre Paulo Freire.

Sobre os temas geradores Freire (2011, p.119, 120) vai dizer que:

“Será a partir da situação presente, existencial, concreta [...] que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”.

Demais disso, a utilização dessa ferramenta prática possibilita que se nomeie, identifique afetos, emoções, e bem por isso e sob esta inspiração se reflita sobre a consciência delas ou não – que corresponde ao que Goleman

disse acima, acerca da percepção da própria experiência emocional -, visto que nem sempre se tem oportunidade de diálogo, em espaço de escuta seguro e cuidadoso. Consoante aos princípios do desenvolvimento da prática.

Uma discussão em uma reunião social, empresarial, educacional, no trabalho pode gerar desconforto, animosidade entre os sujeitos participantes. No decorrer do tempo, o incômodo vai se acumulando e aquilo que era apenas um simples conflito se intensifica, podendo evoluir para a raiva, ódio, ira. É sob essa chave que as referidas práticas podem contribuir na restauração dos vínculos e laços socioafetivos e comunitários.

As Práticas Circulares estão referenciadas nos Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção da Paz – Guia do Facilitador de Kay Pranis. O Guia, nas páginas iniciais de apresentação do material de acesso ao conhecimento do método, expressa que quanto mais se fizer uso das Práticas Circulares, mais nossas instituições e comunidades poderão, progressivamente, amadurecer um autêntico modelo de democracia interna, promovendo experiências dialógicas valiosas por si só, mas também, propícias à fertilização do ambiente comunitário e à formação de um quadro de colaboradores aptos a facilitarem as práticas propriamente restaurativas, quando se tornem oportunas e necessárias. E o que é o Círculo? Pranis (2011) diz:

“Círculo é um processo de diálogo que trabalha intencionalmente na criação de um espaço seguro para discutir problemas muito difíceis ou dolorosos, a fim de melhorar os relacionamentos e resolver diferenças. A intenção do Círculo é encontrar soluções que sirvam para cada membro participante. O processo está baseado na suposição de que cada participante do Círculo tem igual valor e dignidade, dando então voz igual a todos os participantes. Cada participante tem dons a oferecer na busca para encontrar uma boa solução para o problema”.

Ademais, as organizações, coletivos, grupos que privilegiam atividades práticas que promovem, valorizam e estimulam o exercício das competências, habilidades, afetos e inteligências socioemocionais de seus colaboradores podem lucrar mais se atuam nesse nível de pensamento sobre desenvolvimento humano. Segundo Chris Melchiades (2018):

“Quando as pessoas estão com suas inteligências emocionais desenvolvidas cria-se um ambiente de trabalho saudável e produtivo. Ao invés de empreendermos tempo e energia com o que é irrelevante vamos focar no que de fato importa para a organização”.

A partir dessa ótica, as Práticas Circulares podem corresponder ao vislumbre das manifestações e expressões das experiências vividas por cada um dos participantes em seus aspectos positivos e união de forças aglutinadoras e atrativas. Que dão sentido e canalizam para a mudança e encorajamento à constituição de outro nível de desenvolvimento maduro, consciente e responsável.

Por outro giro, a metodologia utilizada tem potência à contribuição e à integração dos atores que vivenciam o processo, por afinidade ao clima psicológico positivo que a circularidade pode gerar. É valioso pensar que as Práticas Circulares podem contribuir para aumento do nível de autoconhecimento. No dizer de Quintella (1994, p.47):

“Autoconhecimento é o primeiro passo para desencadear processos de mudanças conscientes, e consiste basicamente em responder adequadamente às seguintes questões: ‘Quem sou eu?’, ‘Onde estou?’, ‘Como cheguei aqui?’, ‘Aonde quero ir?’”.

Quintella (1994, idem) finaliza dizendo ‘que os próximos passos são conhecer as próprias fraquezas e forças, e finalmente, assumir a responsabilidade pela mudança, enfrentando riscos e benefícios’.

A expressão das emoções que vão surgindo na circularidade das narrativas entre os participantes corresponde a um nível de interação dialógica, que dão conta da existência de algumas habilidades e capacidades do sujeito de superar vivências tensas ou conflituosas, sobre as quais, às vezes, nem sabem que possuem. Por esta via interpretativa, ressalta-se que o diálogo tem primazia à confrontação e exalta o valor da capacidade de se interpretar as tendências de uma situação divergente e/ou tensa. São ingredientes do desempenho excelente no trabalho. Essa é a capacidade da mente humana. Freire no livro *Pedagogia: Diálogo e Conflitos* (1989, p.17) admite que nem sempre temos a mesma posição diante de uma pergunta ou problema:

“É possível que haja divergência, conflitiva até, mas de um tipo de conflito que é o conflito superável, o **conflito entre diferentes** e não **entre antagônicos** (grifos dele)”.

Por essa chave, cabe sublinhar que emoções e afetos bem direcionados e bem situados parecem constituir um sistema de apoio à razoabilidade das ações, isto é, sem que a descarga emocional presente na narrativa cause desequilíbrio, tal que consiga desfocar o que em realidade se quer revelar ou desvelar. A participação na prática circular pode possibilitar desempenho de algumas competências e o desenvolvimento do prazer de ouvir, se ouvir e pensar. Pensar sobre si mesmo, suas dores, queixas e prazeres, e também sobre os queixumes, desprazeres e enlevos do outro. E isso tem mais a ver com competências do que com inteligência. No início do século XX a medida do trabalho humano era a máquina. O paradigma mudou.

Goleman (1998, p. 29, 30) pensando competências em vez de inteligência sustenta que, 'a medida correta da excelência é a capacidade da mente humana [...]'. Ele ressalta que 'os conceitos tradicionais de habilitação acadêmica, notas escolares [...] não eram capazes de predizerem o desempenho profissional de ninguém e nem mesmo se uma pessoa iria ou não vencer na vida'. Propôs a tese segundo a qual:

“um conjunto de tipos específicos de competência incluindo empatia, autodisciplina e iniciativa distinguem os mais bem sucedidos daqueles que eram bons apenas para manterem seus empregos”.

E o que é competência?

O autor conceitua competência como 'uma característica pessoal ou um conjunto de hábitos que leva a um desempenho mais eficaz ou de nível mais elevado no trabalho. É uma capacidade que agrega nítido valor econômico aos esforços de uma pessoa no seu emprego'. Para ele, a Inteligência Emocional é o ingrediente oculto do desempenho de um profissional de ponta.

O que se pode identificar do que se observa nos desdobramentos da promoção da circularidade é que, ainda que diferentes pessoas possam viver os mesmos fatos e acontecimentos, nem sempre os sentimentos, emoções são vividos na mesma dimensão ou intensidade psicológica. É possível que elas os sintam de maneira diferente e pessoal. Perder um emprego, sofrer a perda de um ente querido, vivenciar um roubo, podem assumir nuances diversas e múltiplas respostas emocionais, diferentes sentimentos em diferentes pessoas.

São processos psicológicos que ocorrem dentro de cada um, individual e singularmente. Cada um, como ser inconcluso que problematiza por sua historicidade, elabora suas reflexões baseadas em suas vivências, valores, conflitos, angústias, sonhos, motivações, relacionando o que para si importa e faz sentido naquele momento.

É olhando para os homens sob o prisma de sua inconclusão e seu caráter histórico é que Freire admite e:

“[...] os reconhece como seres que *estão sendo, como* seres inacabados, inconclusos *em e com* uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados.”

Nesse processo de escuta, de percepção de si e do outro, elaboração de silêncios significativos, voluntários e de diálogos livres os participantes do círculo são mediados por um facilitador, guardião do método.

À expressão de seus sentimentos e emoções, no círculo, as memórias vão se clarificando frente às suas experiências e vivências pretéritas, presentes e recentes. O que pode possibilitar-lhes pensar o futuro com esperança. Não a esperança vã. E sim aquela que leve a acreditar na potência das próprias mãos, se há um mundo a ser construído. O homem não pode viver eternamente no mundo do eu-tu, mas do Nós Por Nós. Vínculos se constroem a vida inteira e o fortalecimento deles também. Freire (2011, p.15), no livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* destaca que:

“É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã”.

Poder se expressar em um espaço de escuta atenta, cuidadosa, empática, de não interrupção da fala do outro, de participação respeitosa e observância desses cuidados, é o elemento primordial ao processo dialógico circular. Com o despontar destes aspectos, cabe ressaltar que as reflexões construtivas são favoráveis à fluidez dos propósitos. E têm na participação ativa e efetiva dos sujeitos integrantes seus pilares, com vistas à manutenção da qualidade do encontro cordial, respeitoso. Isso assegura aos mediandos

que o facilitador, guardião do processo, estará atento à preservação e cuidado sobre os parâmetros do desenvolvimento da dinâmica.

O ponto fulcral do relato que trouxe sobre a dinâmica Prática Circular desenvolvida tanto no grupo @TodasPeloRio quanto no grupo A Ponte Para Pretxs coordenado pela Dra Daniela Azevedo Marques e Vitor Del Rey, respectivamente, está ancorado na necessidade que ambos sentiram. Que foi a de olhar com carinho e cuidar dos aspectos emocionais e afetivos que envolviam os coletivos liderados por eles. Para isso, vislumbraram que o uso da metodologia prática contemplaria seus anseios, frente ao que observavam no desempenho do coletivo como um todo. Foram movidos pelo desejo de pensar no que poderiam fazer. Chamaram pra si a responsabilidade de velar sobre aquilo que percebiam, face às relações grupais, coletivas.

Nessa toada, nas linhas destas reflexões, concluo que, é dever nosso assumir a responsabilidade na assunção da transformação e construção de uma sociedade melhor. Freire (2013, p. 160, 161) certifica que:

“[...] É preciso não só estar convencido do dever social de transformar, mas assumir isso. Assumir a percepção de que temos o dever de transformar significa partir para uma prática coerente com esse pensamento”.

Muito para além do eu-tu é preciso celebrar o Nós Por Nós!

Ao final, neste derradeiro desdobramento teórico, merece destaque o que Vitor Del Rey considera após a dinamização da Prática Circular com o grupo de alunos da FGV: “Tânia Mara foi maetrina nesse processo, sem ela, nada do que foi feito se faria. Os resultados foram impressionantes”.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Z. A tradição oral na África, Estudos de Sociologia. Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 15, n. 2, p. 181-189. Disponível em: Acesso em: 02 jan. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Objetiva, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. GADOTTI, Moacir. GUIMARÃES, Sérgio. Pedagogia: Diálogo e Conflitos. Cortez Autores Associados, São Paulo, 1989.

GOLEMAN, D. Trabalhando com a Inteligência Emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

MELCHÍADES, C. Cinco dicas para melhorar suas relações no trabalho. Revista Dedução, 2018. Disponível em: Acesso em: 04 dez. 2019.

PRANIS, K. Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz: Guia do Facilitador. Escola Superior da Magistratura da AJURIS. Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul/Projeto Justiça para o Século XXI, 2011.

QUINTELLA, H. M. Manual de Psicologia Organizacional da Consultoria Vencedora. São Paulo: Makron Books, 1994.

ALMEIDA, Tânia. Caixa de Ferramentas em Mediação: aportes práticos e teóricos. São Paulo: Dash, 2014.